

A TRANS-CRIAÇÃO DE SIZWE BANSI ESTÁ MORTO, DE ATHOL FUGARD: Dança contemporânea e dramaturgias do movimento na perspectiva do encenador

Palavras-Chave: [TEATRO NEGRO], [ENCENAÇÃO], [DRAMATURGIA DO MOVIMENTO]

Autores/as:

Victor Timotio de Lima [UNICAMP]

Profª Drª Verônica Fabrini Machado de Almeida [UNICAMP]

INTRODUÇÃO:

Manifesto...

Manifesto toda a minha dor,

Manifesto toda a minha alegria,

Ajo na encruzilhada que compõe o meu ser

E provooco uma maniFESTAção¹...



Durante todo o processo de pesquisa e criação dessa Iniciação Científica, os campos das artes e da política foram entendidos como elementos coconstitutivos de um fazer que tem como ideal “perturbar a formatação cega de gestos, hábitos e percepções” (LEPECKI, 2012, p. 44). Este texto inicia-se, portanto, com um trecho do poema-manifesto, escrito por mim e lido pelo Grupo Encruza de Pesquisa Cênica em sua estreia, seguido desta citação de André Lepecki como forma de trazer à escrita científica o caráter teórico-prático e performativo que permeou todo o desenvolvimento da pesquisa além de apresentá-la de um modo sensível-poético, interligando essas diversas “trilhas” da grande floresta que se encontra esta IC – arte, política e ciência. A floresta enquanto símbolo, por sua vez, evoca o elemento da terra fortemente presente nas culturas negras ao se falar, por exemplo, dos espaços oníricos da ancestralidade e dos terreiros em que “entre esses dois espaços estão o corpo e sua ligação e mediação com o chão, com a terra, semanticamente, o umbigo que nos une aos cosmos” (ALEXANDRE, 2017, p.40). Desse modo, o texto será construído a partir desse viés da *encruzilhada* entre o acadêmico e o performativo, tendo como base aspectos de uma “performance da oralitura” conceituada por Leda Martins e a qual provoca “gestos, (...) inscrições e palimpsestos performativos” (2003, p.77) através da voz e do corpo de forma a ressaltar o caráter oral presente nas tradições afrodiáspóricas, esse outro modo de saber que foi historicamente negado pelo poder hegemônico.

¹ Primeiro trecho do poema-manifesto lido pelo Grupo Encruza de Pesquisa Cênica na estreia da montagem de “Sizwe Bansi está morto”, ocorrida no dia 19 de agosto de 2021.

Na literatura escrita no Brasil predomina a herança dos arquivos textuais e da tradição retórica europeia. Mesmo os discursos que se alçaram como fundadores da nacionalidade literária brasileira, no século dezenove, tinham na série e dicção literárias ocidentais sua âncora e base de criação literária. A textualidade dos povos africanos e indígenas, seus repertórios narrativos e poéticos, seus domínios de linguagem e modos de apreender e figurar o real, deixados à margem, não ecoaram em nossas letras escritas. (*ibid.*, p. 63-64)

Assumo também, em alguns momentos, uma escrita em primeira pessoa tanto para dialogar com esse outro modo de produção de conhecimento quanto para me inserir enquanto sujeito dessa pesquisa que teve como tema basilar a negritude e o racismo, de maneira a ir ao encontro com a afirmativa de Leda Martins que diz que “Ao falar o negro, nomeio minha própria negrura e, ao interpretar a encenação negra nas Américas, nessa experiência me incluo. Por isso, o discurso que encena o meu objeto a mim também encena” (1995, p. 204).

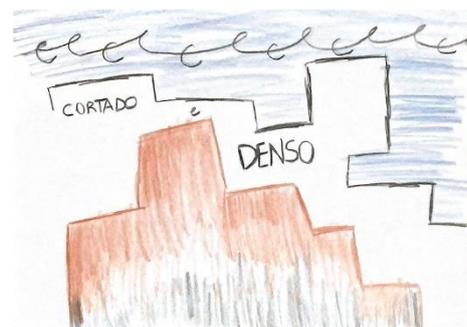
Essa Iniciação Científica investigou como encenar a peça “Sizwe Bansi está morto” do dramaturgo sul-africano Athol Fugard (1972) através de uma trans-criação com os elementos da dança contemporânea, entendida como uma linguagem “localizada num território sem leis fixas, modelos e convenções imutáveis” (XAVIER, 2011, p. 35), e de uma escrita cênica através da dramaturgia coreográfica/do movimento, termo que, segundo Guilherme Schulze (2008), entende a coreografia como um sistema organizacional que dialoga com todos os corpos e objetos em cena. A peça base da pesquisa se passa na época do Apartheid, e possui três personagens: Styles, Sizwe Bansi e Buntu, todos negros. Styles é um fotógrafo que atua muitas vezes como um narrador e comentarista de fatos que acontecem em sua região. A trama se inicia quando Sizwe aparece em seu estúdio para tirar uma foto e, através da escrita de uma carta para sua esposa que será enviada junto com a foto, relata que teria de se mudar da região onde ele estava – a única possível de arrumar um emprego – devido a um problema em sua documentação. Para impedir isso, a partir de uma ideia de seu amigo Buntu e para continuar sobrevivendo, assumiu a identidade de outro homem que ambos encontraram morto em uma esquina escura. Para a encenação desta peça, foi formado um grupo de estudos que se nomeou como Grupo Encruza de Pesquisa Cênica, formado também por *Filipe Batista* e *Isabella Caroline Nogueira da Silva* – ambos artistas-estudantes de Artes Cênicas da Unicamp – grifando neste processo o caráter coletivo presente nas artes negras, já que “o coletivo superpõe-se, pois, ao particular, como operador de formas de resistência social e cultural que reativam, restauram e reterritorializam, por metamorfoses emblemáticas, um saber alterno, encarnado na memória do corpo e da voz” (MARTINS, 2003, p.73).

METODOLOGIA:

... Faço isso porque ontem me impediram de falar e ontem me exigiram explicações para minha mudez,

Ontem não me deixaram entrar e ontem me obrigaram a levar comida para uma festa que continuo não sendo bem-vindo,

Ontem me mataram e ontem me mataram de novo mas falaram que não foi nada pessoal,



Ontem foi há séculos e há 1 dia...²

O desenvolvimento desta pesquisa consistiu em três etapas-trilhas: pesquisa bibliográfica, realizada no primeiro semestre da IC; pesquisa empírica executada no segundo semestre; e a pesquisa de campo a qual se fez transversal em ambos os caminhos. Durante todo o processo, o entendimento da prática enquanto pesquisa foi a seiva de toda a Iniciação Científica, uma vez que ao trazer essa práxis não só como etapa mas como pesquisa em si no campo das artes se torna fundamental já que assim esta “deixa de ser apenas um produto ou mesmo um processo a ser descrito, analisado e inserido em outros moldes (por mais abertos e dinâmicos que sejam), e passa a ser em si mesma o modo de (des)organizar discursos e métodos” (FERNANDES, 2014, p. 2). Com isso, na primeira etapa-trilha a teoria foi *trans-criada* em experimentos cênicos, sendo estabelecidos três eixos com uma dupla de livros cada, para *guiar* os estudos práticos: o primeiro eixo foi sobre a concepção do racismo no século XX e na atualidade, tendo como base os livros *Racismo Estrutural* (ALMEIDA, 2019) e *Pele negra, máscaras brancas* (FANON, 2008); o segundo trabalhou a estética do teatro negro também estabelecendo um paralelo com o século XX e XXI com os livros *A cena em sombras* (MARTINS, 1995) e *O teatro negro em perspectiva* (ALEXANDRE, 2017); já o terceiro estudou aspectos da encenação ocidental e, paralelamente, se propôs a conhecer o autor da dramaturgia investigada através de sua escrita, através dos livros *A encenação contemporânea* (PAVIS, 2013) e *Tsotsi: infância roubada: seguido da peça “Mestre Harold” ... e os meninos* (FUGARD, 2007). Como comentado, a pesquisa de campo começou nesse semestre e seguiu durante o restante do processo por meio de entrevistas com artistas da região da Grande São Paulo que investigam a cultura negra nas artes da cena, contando com: Jhonny Salaberg (dramaturgo e ator do Coletivo O Bonde); João Nascimento (diretor da Cia Treme Terra); Flavio Lima (bailarino e professor do Núcleo Luz); e Maria Shu (roteirista e dramaturga).

Sempre que eu estou em pesquisa de escrita eu vou estudando, eu leio muita coisa, eu assisto muita coisa, eu escuto muita coisa. Mas ao mesmo tempo eu não teorizo. Eu pego, sim, a ideia da teoria, fundamentos... Mas para mim **o que me interessa mais é a imagem**. Eu acho que com uma imagem, com uma frase, você pode dar conta de diversas outras coisas que as vezes um artigo de 15 páginas não dá, por exemplo. Eu acho que trabalho muito com a imagem, tanto na cena quanto na escrita. (SALABERG, 2021 – grifo nosso)

Ao adentrar mais a floresta, chegamos no terreno das grandes árvores frutíferas: os processos criativos. De acordo com Maffesoli, “o imaginário, certamente, funciona pela interação” (2001, p.77). Tendo em vista a imaginação como principal nutriente desses baobás, para que o plantio da nossa semente fosse efetivo foi montado um grupo de estudos para a montagem e experimentação da peça “Sizwe Bansi está morto”: o Grupo Encruza de Pesquisa Cênica. Para nos guiar nessa nova etapa-trilha – a encenação/plantação desse material cênico – foram utilizados como guias dois estados corporais: o *corpo-festa*, baseado na alegria e festividade presente nas manifestações e tradições de resistências da cultura negra que não se dissocia do contexto de luta por sobrevivência; e o *necrocorpo*, emergido pelos conceitos de “necropolítica” de Achille Mbembe - “formas contemporâneas que subjagam a vida ao poder da morte” (2016, p. 146). Alguns experimentos cênicos, objetivando a construção desses estados de corpos, foram realizados com referenciais musicais, fotográficos e

² Segundo trecho do poema-manifesto lido pelo Grupo Encruza de Pesquisa Cênica na estreia da montagem de “Sizwe Bansi está morto”, ocorrida no dia 19 de agosto de 2021

literários, com o intuito de diluir as fronteiras entre formas artísticas. A realização e registro desses experimentos também foram pensados a partir dessa encruzilhada artística, de forma a ressaltar esse lugar epistemológico pertencente a cultura negra (MARTINS, 2003). Encruzilho, também, esses registros³ com a exposição teórica da pesquisa ao decorrer desse texto, sem buscar explicá-los de maneira a fazer com que essas imagens se tornem por si provocadoras de experiências e reflexões – novas sementes dos frutos que surgiram no processo.



Do mais pequeno órgão do corpo até o mais grande membro sensorial reside a mesma convenção que se encontra na natureza. A natureza, assim como o corpo, é paralela. Duas vias que recebem e doam, e onde tudo é antítese, no corpo se metaboliza. O que resulta desse sulco e desse produto é único em cada indivíduo e de cada doação. Não se pode gerar força com o corpo fraco, também não adianta a força do espírito onde o fraco é recebido. Há sempre um jogo de equilíbrio nesse mundo que é perdido. Há sempre uma ordem no caos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Durante a IC algumas ações foram realizadas com o intuito de visibilizar a temática investigada. A primeira delas, em dezembro/2020, foi uma Leitura Coletiva da obra *Sizwe Bansi está morto* com pessoas da comunidade interna e externa da Unicamp, através do Google Meet em parceria com o Laboratório de Dramaturgia e Escritas Performativas do Departamento de Artes Cênicas da Unicamp. Também foi feita uma abertura de processo da encenação da peça na Mostra Cênica de Inverno 2021 (Unicamp), que contou com a ação performativa *Licença, quer escutar o invisível?* a qual os integrantes do Grupo Encruza compartilharam partes do processo por meio de ligações telefônicas com o público. No último mês da IC (agosto/2021) foi realizada a estreia da peça, que contou com a segunda ação performática *Querida esposa, não me esqueci de você* a qual consistiu na produção de curtas cartas em forma de vídeos a partir de frases que o público encaminhou para o grupo através de um formulário⁴. Além disso, a partir da indignação sobre a escassez de conteúdos e referências negras no currículo de Artes Cênicas da Unicamp, foi escrita uma carta à Comissão de Graduação do curso comentando sobre a importância de haver uma entrada efetiva desses outros conhecimentos na academia e convidando as/os docentes a pensar em soluções para esse problema de forma conjunta. A partir dessa carta, alguns resultados foram obtidos como: a mesa *Teatros Negros e suas entradas/ocupações na universidade* (2021); a inclusão da disciplina Teatro Negro no currículo do curso a partir de 2022 (FONSECA, 2021); e o *Fórum América Ladina: Diálogos entre artes, política, saúde e educação antirracistas*, em setembro/2021.

³ Com exceção do desenho atrás do texto (de Isabella Nogueira), feito por mim, todas as imagens foram produzidas pela Isabella Nogueira.

⁴ Esses vídeos foram postados no Instagram da pesquisa no seguinte link: <https://www.instagram.com/dancabansi/>

CONCLUSÕES:

Não acredito haver vasculhado toda essa floresta, ao contrário, acredito não ter ultrapassado nem meio hectare de todo esse vasto território o qual a pesquisa se debruçou. Contudo, raízes foram fincadas de forma a continuar me nutrindo desse outro modo de percepção do mundo. Uma cosmopercepção que há séculos luta contra uma projeto político pautado no sequestro e genocídio e resiste na medida em que “no chão de aldeia tupinambá virada em cais do Valongo, a morte, convidada de honra que deveria campear soberana na nossa história, insiste, mas morre – sim, a morte morre – na rua” (SIMAS, 2020, p. 14). Sendo assim, resisto e danço esse corpo-festa e compreendo mecanismos que me afetam e produzem um estado de necrocorpo. Realizo uma *escrevicência*, proposta por Conceição Evaristo, a fim de incomodar os “da casa grande (...) em seus sonos injustos” (*apud* ALEXANDRE, *op. cit.*, p. 28).

.. Manifesto e grito porque preciso,

Mas não se engane. Isso não é uma ponte, para te entregar de mão beijada

Toda a minha estética e história roubadas!

Isso não é sobre você! Não foi ontem, não é hoje e amanhã também não vai ser!⁵

BIBLIOGRAFIA

- ALEXANDRE, Marco Antonio. **O Teatro Negro em Perspectiva: Dramaturgia e Cena Negra no Brasil e em Cuba**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FERNANDES, Ciane. **A Prática como Pesquisa e a Abordagem Somático-Performativa**. Salvador: Universidade Federal da Bahia;. In: VIII Congresso da ABRACE, Belo Horizonte, 2014.
- FONSECA, Kátia. Em 2022 ensino das artes negras será obrigatório no curso de Artes Cênicas da Unicamp. **Correio Popular**, Campinas, maio 2021.
- FUGARD, Athol. **Sizwe Bansi is Dead**. Nova Iorque: The Viking Press New York, 1972.
- FUGARD, Athol. **Tsotsi**: infância roubada: seguido da peça “Mestre Harold” ... e os meninos. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- LEPECKI, André. Coreopolítica e coreopolícia. **Ilha**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 41-60, jan./jun. 2012.
- MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. **Revista FAMECOS**, v. 8, n. 15, p. 74-82, 10 abr. 2008.
- MARTINS, Leda Maria. **A cena em sombras**. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- MARTINS, Leda Maria. PERFORMANCES DA ORALITURA: CORPO, LUGAR DA MEMÓRIA. **Letras** [online], nº26, p.63-81, 2003. Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881> Acesso em: 21 nov. 2020
- MBEMBE, Achile. (2017). Necropolítica. **Revista arte e ensaios**, Rio de Janeiro, n.32, p. 123-151, 2016.
- Mesa-IC: Teatros Negros e suas entradas/ocupações na universidade. In: **Mostra Cênica de Verão 2021**. Campinas. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=kbTqI8b3Q2o> Acesso em: 15 jan. 2021.
- PAVIS, Patrice. **A encenação contemporânea: origens, tendências, perspectivas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- SALABERG, Jhonny. Entrevista a artista da cena Jhonny Salaberg. São Paulo: 19 jan. 2021. Entrevista concedida a Victor Timotio de Lima. Gravação em plataforma digital Google Meet, 76 min.
- SCHULZE, Guilherme. Notas para uma dramaturgia coreográfica. **Revista Moringa**, João Pessoa, v. 2, p. 8-16. 2008.
- XAVIER, Jussara Janning. O que é dança contemporânea? **O Teatro Transcende**: revista do CCE da FURB. Blumenau, N.1, V.16, 2011 (p.35-48).

⁵ Terceiro e último trecho do poema-manifesto lido pelo Grupo Encruza de Pesquisa Cênica na estreia da montagem de “Sizwe Bansi está morto”, ocorrida no dia 19 de agosto de 2021.